

PRINCÍPIOS GERAIS EM LINGUÍSTICA

Arnaldo Cortina
Renata Coelho Marchezan

Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara - Unesp

Resumo: Este texto tem por objetivo apresentar, a partir de uma abordagem histórica sobre os estudos da linguagem, as contribuições de Saussure para os princípios gerais da Linguística. Entre as contribuições, destacam-se as seguintes dicotomias: língua e fala; signo, significante e significado; sintagma e paradigma, e perspectiva sincrônica e diacrônica do fato linguístico.

Palavras-Chave: Linguística saussureana, Língua, Signo.

É no Gênesis que está o episódio bíblico da torre de Babel. Nessa narrativa conta-se que, até então, na Terra só havia uma língua que unia todas as pessoas que nela habitavam. Na planície de Shinear, os filhos de Noé resolveram construir uma cidade em que existiria uma torre cujo cume deveria atingir o céu. Essa cidade e essa torre assegurariam a eles que não seriam dispersos por toda a superfície da Terra, ficando todos juntos em um mesmo lugar. Para impedi-los de realizar seu intento, Deus “confundiu a língua deles” e os dispersou por toda a superfície da Terra. A narrativa termina com a seguinte afirmação: “Por isso, foi dado a ela o nome de Babel, pois foi ali que o Senhor confundiu a língua de toda a terra, e foi dali que o Senhor dispersou os homens sobre toda a superfície da terra”.

A questão da linguagem sempre fez parte da história da humanidade, quer ela seja contada do ponto de vista religioso, quer do histórico-científico. A partir do momento em que o homem passou a viver em sociedade, com seus semelhantes, a língua teve um papel aglutinador, pois é o código que permitia a comunicação entre todos os seres da comunidade.

Muitos passaram a ser os pontos de vista a partir dos quais o homem se ocupou dessa língua que falava. Um deles era seu caráter divino. O Deus cristão criou o céu e a Terra com o poder da palavra; a correta entoação dos cânticos hindus na língua sânscrita era responsável pela invocação de seus deuses e pela comunicação com eles.

O conhecimento da língua escrita, por outro lado, não pertence a um grupo muito grande de pessoas e, principalmente, no mundo ocidental, depois do período da Antiguidade greco-romana, com o início da era Cristã, o domínio da escrita está fortemente relacionado ao poder. Depois que São Jerônimo, no século IV, faz a tradução da Bíblia para o latim, denominada “Vulgata”, a expansão linguística da Igreja ocidental vai se fortalecendo. Na Idade Média, isso se acentua por meio da autoridade político-religiosa da Igreja. A língua latina se transforma nas diversas regiões onde é falada, enquanto a Igreja a preserva como língua de suas cerimônias rituais. Além disso, ela adquire o status de língua da diplomacia, da erudição e da cultura.

A invenção da imprensa tem importância decisiva na constituição do leitor moderno. O que a invenção da imprensa muda em relação ao processo de leitura é basicamente a constituição da leitura solitária, realizada apenas por meio do olhar. Antes da imprensa, uma vez que a reprodução das obras era realizada por copistas, não existia a possibilidade da difusão massiva do livro. Somando-se a isso o fato de que o universo de letrados, isto é, de pessoas alfabetizadas em uma determinada sociedade, era pequeno, a leitura em voz alta era altamente difundida. Uma só cópia do texto poderia permitir a certo número de pessoas o conhecimento de um determinado conteúdo, através de um leitor.

Na cultura da Antiguidade, a leitura silenciosa é sempre interpretada como um fenômeno excepcional, inusitado, como se pode constatar na seguinte passagem das Confissões de Santo Agostinho:

Mas, quando [Ambrósio] lia, os olhos divagavam pelas páginas e o coração penetrava-lhes o sentido, enquanto a voz e a língua descansavam. Nas muitas vezes em que me achei presente – a ninguém era proibida a entrada, nem havia o costume de lhe anunciarem quem vinha –, sempre o via ler em silêncio e nunca doutro modo. Assentava-me e permanecia em longo silêncio – quem é que ousaria interrompê-lo no seu trabalho tão aplicado? –, afastando-me finalmente. Imaginava que, nesse curto espaço de tempo, em que, livre do bulício dos cuidados alheios, se entregava a aliviar a sua inteligência, não se queria ocupar de mais nada. Lia em silêncio, para se precaver, talvez, contra a eventualidade de lhe ser necessário explicar a qualquer discípulo, suspenso e atento, alguma passagem que se oferecesse mais obscura no livro que lia. Vinha assim a gastar mais tempo neste trabalho e a ler menos tratados do que desejaria. Ainda que a razão mais provável de ler em silêncio poderia ser para conservar a voz, que facilmente lhe enrouquecia. Mas, fosse qual fosse a intenção com que o fazia, só podia ser boa, como feita por tal homem.

Outra característica da produção escrita da Antiguidade é a despreocupação relativa à autoria, uma vez que o registro dos acontecimentos e das ideias difundidas por um texto escrito não estava associado à noção de propriedade de um autor. É novamente a invenção da imprensa que irá introduzir a concepção de autoria. Embora se possa reconhecer que, durante muito tempo, até os séculos XI e XII, várias obras fossem escritas sem serem atribuídas a um autor particular, cada vez mais a produção impressa vai criando a necessidade dessa identificação. A própria ideia da capa de um livro é consequência da propaganda do livro impresso. Para atrair a atenção de um possível leitor, cria-se uma primeira folha do livro que irá indicar o título do texto e, cada vez mais frequentemente, o nome da pessoa responsável pela criação da obra. A própria organização da distribuição das informações vai sendo alterada, no sentido de facilitar para o leitor a compreensão do texto, como é o caso da pontuação, da divisão em capítulos ou seções etc.

Instituída a prática da leitura individual por meio da difusão do livro impresso, que se transforma em um instrumento de transmissão de uma mensagem capaz de fixá-la no espaço e no tempo, instaura-se seu processo de sacralização. A posse de uma biblioteca repleta de volumes, característica do Antigo Regime francês, por exemplo, passa a ser sinônimo de cultura e de poder. O livro torna-se o modelo da cultura ocidental. O homem que lê é aquele que adquire conhecimento na medida em que entra em contato com as mais diferentes e importantes ideias criadas ao longo do tempo.

Ao lado da leitura como aquisição de conhecimento, subsiste a leitura enquanto satisfação de um desejo estético. É nesse sentido que a escrita se constitui enquanto arte, pois, além de dizer algo, explora os mais diferentes recursos linguísticos de seu dizer. Cada cultura irá valorizar aqueles escritores que foram capazes de se valer de sua língua para criar um objeto estético. Dizer simplesmente que o valor literário de uma obra reside em seu trabalho com a linguagem é cair no lugar comum, pois a valorização desse trabalho está ligada à sanção de um público que tem autoridade para reconhecer seu valor, entre produtores e consumidores. E acrescentaríamos a isso a dimensão temporal e espacial em que se dá a produção e a leitura do texto. O que estamos querendo dizer aqui, ao invés de cair no indefinível valor da literariedade de um texto, é que o reconhecimento de um texto como obra de arte representativa de uma época só é possível na medida em que se estabelece um distanciamento entre o momento de sua produção e o de sua sanção. É a partir de uma perspectiva histórico-cultural da literatura de um determinado conjunto social que se instituirão os cânones.

OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS E A CONTRIBUIÇÃO DE SAUSSURE

Nessa época, muitos dos estudos sobre a língua estavam voltados para a descoberta do “exato significado” dos textos, isto é, buscava-se a verdadeira interpretação daquilo que seu autor pretendeu dizer. Evidentemente, essa era a concepção dos estudos dos textos bíblicos.

Do ponto de vista, porém, dos estudos gramaticais, na Idade Média, predominava a visão de língua como um instrumento para se analisar a realidade. Por isso, os gramáticos dessa época davam muita importância à questão do significado, pois pretendiam descobrir os princípios por meio dos quais a palavra, como um signo, estava relacionada tanto à inteligência humana, quanto à coisa que ela representava ou significava.

Já no século XVII, como afirma Lyons (1979), os ideais da chamada gramática especulativa foram revividos na França pelos mestres de Port-Royal. “Em 1660 eles publicaram sua *Grammaire générale et raisonnée*, cujo objetivo era demonstrar que a estrutura da língua era um produto da razão, e que as diferentes línguas eram apenas variedades de um sistema lógico e racional mais geral” (p. 17-18).

No século XIX, depois da descoberta do sânscrito pelos gramáticos ocidentais, tem início o período da chamada Linguística Comparativa que tinha por objetivo, basicamente, o estabelecimento dos princípios e dos métodos para a classificação de diferentes famílias linguísticas (como a indo-europeia, a semítica, a fino-úngrica, a banto, a altaica, a sino-tibetana, entre outras) e, o mais importante, o desenvolvimento de uma teoria geral das transformações linguísticas e das relações entre as línguas.

Será, porém, no início do século XX, mais especificamente em 1916, ano da publicação do *Cours de linguistique générale*, que o suíço Ferdinand de Saussure revolucionará os estudos sobre a língua, dando início ao período da chamada Linguística Moderna. Embora sua referida obra tenha sido um marco nos estudos linguísticos, não foi escrita por ele, mas sim por seus alunos, que frequentaram os cursos que ele ministrou na universidade de Genebra, onde trabalhou de 1891 até 1913, ano de sua morte. Mesmo que reconheçamos a competência de Charles Bally e Albert Sechehaye, alunos de Saussure responsáveis pela primeira edição do *Cours de linguistique générale*, não podemos deixar de levar em consideração que nem tudo que ali se encontra registrado corresponde exatamente ao que o mestre genebrino pensava. Nem sempre as anotações dos alunos correspondem ao que foi exatamente exposto por um professor e, além disso, todo processo de recepção de um discurso, como já dissemos acima a respeito da leitura, corresponde a um determinado ponto de vista.

Mas então se poderia perguntar: como uma obra escrita em uma condição tão complicada pode ser tão importante para os estudos de língua? A resposta é simples. Porque ela discute a língua de uma perspectiva revolucionária para a época; porque ela funda, conforme se costuma dizer nos estudos linguísticos, um novo paradigma para a reflexão sobre o processo de comunicação. Mais ainda, ela introduz uma perspectiva teórico-metodológica de investigação, o estruturalismo, que invadirá outros campos das ciências humanas, ultrapassando, portanto, a fronteira dos estudos linguísticos. Muitos teóricos comparam, em grau de importância, as propostas de Saussure para a linguística aos estudos de Freud para a psiquiatria e de Marx para a economia.

Nosso objetivo, neste texto¹, não será fazer um resumo de toda a obra de Saussure. Para que o leitor possa inteirar-se mais completamente do que está registrado em seu famoso livro escrito por seus alunos, convidamos a fazer uma leitura da edição brasileira, cujo título é *Curso de linguística geral* (SAUSSURE, 1973). O que procuramos fazer aqui é uma exposição dos principais conceitos apresentados nessa obra, que desencadearam essa transformação do panorama dos estudos linguísticos a que nos referimos anteriormente.

1. Embora os estudos linguísticos tenham se desenvolvido bastante, depois de Saussure, e várias sejam as tendências que resultaram em vertentes importantes para a análise do fenômeno linguístico, na atualidade, este texto tem um caráter introdutório e não cuidará senão de discutir com brevidade a contribuição de Saussure, restringindo-se, pois, a uma abordagem do *Curso de linguística geral*. É proveitoso que se leiam outros textos a respeito das diversas contribuições, para uma compreensão mais abrangente da questão. Entre outras leituras, pode-se consultar o trabalho de Edward Lopes (1977).

PRINCÍPIOS BÁSICOS: SINCRONIA E DIACRONIA

Inicialmente, discutiremos a oposição por ele apresentada entre a **perspectiva diacrônica** e a **perspectiva sincrônica**, com relação aos fatos que a ciência estuda. O leitor deve observar que, até o século XIX, predominavam os trabalhos linguísticos que visavam à comparação entre diferentes línguas, ao longo da história. Assim, as tentativas de agrupamentos de línguas em famílias objetivavam a descoberta de relações entre elas e, além disso, a reconstituição da língua primitiva. A maior parte dessas tentativas frustrava-se, porque, devido à influência religiosa no mundo ocidental, estava baseada na hipótese de que, uma vez que o hebraico era a língua do Novo Testamento, deveria ser a fonte a partir da qual derivavam todas as demais línguas. Assim, estudar uma língua era descobrir de que ramo ela se originava e que tipo de influências ela recebia de suas parentes próximas.

Para Saussure, todo fato científico deve ser observado segundo a perspectiva da simultaneidade e da sucessividade. Assim, estudar uma língua não significava apenas perceber sua evolução no tempo, mas sim as relações internas que estabelece num dado momento do tempo. A *diacronia* está situada no eixo da sucessividade, uma vez que corresponde, segundo ele, ao método de investigação de um fenômeno linguístico que, localizado em uma determinada linha evolutiva no tempo, mantém relação com os fenômenos que o precedem ou seguem. A *sincronia*, por sua vez, está situada no eixo da simultaneidade, pois compreen-

deria a observação dos fatos linguísticos coexistentes num mesmo sistema, tal como eles se apresentam num dado momento, sem levar em consideração sua evolução no tempo.

Na realidade, a novidade está na sua proposta da perspectiva sincrônica, uma vez que, para os estudos da língua, o que se fazia até então eram trabalhos com base na diacronia. Saussure chama a atenção para o fato de que o tempo não é um fator exclusivo de interesse das descrições linguísticas. Para ele, o tempo permite que fatores externos ajam uns sobre os outros e isso desencadeia transformações na língua. Em verdade, ao se observar o fenômeno linguístico segundo a perspectiva diacrônica, leva-se em consideração fatores externos ao sistema da língua que acabam agindo sobre ela. O fato, por exemplo, de o português apresentar morfemas e lexemas de origem árabe não é um fenômeno de transformação interna do sistema, mas sim devido à invasão dos povos árabes na Península Ibérica, o que é um fator histórico externo ao funcionamento do sistema.

Já na perspectiva sincrônica, pode-se tratar de um determinado fato linguístico em relação ao conjunto de regras tais como elas funcionam num dado momento, na língua que se está analisando. Esse seria o caso, por exemplo, de analisarmos o fenômeno da concordância nominal no português contemporâneo, que tende à eliminação da redundância. Em vez de se dizer “os meninos escolhidos”, há uma tendência em determinadas camadas da sociedade brasileira de, na situação de fala, produzir “os menino escolhido”, em que a marca de plural aparece apenas no artigo e é omitida nas outras classes de palavras. Examinar um fato como esse, descrevendo seu grau de ocorrência e as circunstâncias em que ele se realiza em relação ao sistema, é fazer um estudo sincrônico e não diacrônico.

Para ilustrar como se realiza o exame de determinado fato segundo a perspectiva sincrônica, Saussure utiliza o jogo de xadrez. Segundo ele, em uma partida de xadrez, as diferentes peças do jogo mudam de lugar a cada lance, mas, em cada um desses lances, a disposição do jogo pode ser inteiramente descrita a partir da posição em que se encontra cada uma das peças. Pelas regras do jogo, em dado momento, pouco importa saber sobre os lances jogados anteriormente, em que ordem eles se sucederam e, menos ainda, conhecer as transformações por que passaram as regras desse jogo ao longo de sua existência. O estado particular da partida, segundo certa disposição das peças, pode ser descrito sincronicamente, isto é, sem nenhuma referência aos lances anteriores. Para Saussure, a mesma coisa acontece com as línguas; elas sofrem modificações constantemente, mas um linguista pode optar por mostrar o estado em que elas se encontram em dado momento.

Outra questão importante na distinção entre diacronia e sincronia é o fato de que adotar a perspectiva sincrônica não significa fazer o estudo apenas do estágio atual de uma língua no momento presente. Se um linguista realiza um trabalho sobre a passagem do latim para o português que visa a observar como, no português, foi substituído o sistema de declinações do latim e, para tal estudo, resolve observar os registros em português do século XIII, por exemplo, estará fazendo um estudo sincrônico e não diacrônico. Na realidade, o

que se estará fazendo, nesse caso, é a descrição de um estado da língua portuguesa a partir dos registros de um determinado recorte temporal.

Embora esses conceitos tenham desencadeado ferrenhas críticas posteriores, pois a perspectiva sincrônica é considerada “reacionária”, uma vez que “elimina a história”, o que vem a ser a grande crítica ao estruturalismo, isso não é verdade. Em primeiro lugar, é necessário lembrar que Saussure nunca disse que só se devia estudar língua do ponto de vista sincrônico. O que ele diz é que a sincronia e a diacronia são duas formas de tratamento do fenômeno linguístico e que a escolha de cada um deles deve ser determinada pelo objetivo que se pretende atingir com o estudo de língua a ser realizado. Em segundo lugar, que, como já salientamos acima, a sincronia não consiste apenas no exame de um fato contemporâneo, pois ela pode consistir num determinado recorte do tempo.

LÍNGUA E FALA

Dois outros conceitos extremamente operacionais na obra de Saussure são os de **língua** e **fala**. Para o linguista genebrino, a língua e a fala são constituintes da linguagem humana, entendida como uma abstração, que consiste na capacidade que o homem tem de se comunicar com seus semelhantes, por meio de signos verbais. Por essa razão, a linguagem compreende fatores físicos, fisiológicos e psíquicos.

A língua, para Saussure, corresponde ao próprio sistema de regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) que determina o emprego dos sons, das formas e relações sintáticas necessárias para a produção dos significados. Ela existe na consciência de todo indivíduo que vive em uma determinada região do planeta e que se comunica por meio de um código linguístico. Como ela não é fruto da criação de um único indivíduo, mas sim de uma comunidade: a língua é um conceito social. A língua portuguesa é, no caso dos brasileiros, um conjunto de regras e normas que possibilitam que cada um dos habitantes deste país, o Brasil, possa valer-se dela para se comunicar com seus conterrâneos. Independentemente de ser alfabetizado ou não, qualquer brasileiro tem internalizado em seu cérebro o sistema da língua portuguesa a que foi exposto desde que nasceu, o que lhe permite comunicar-se com qualquer outro brasileiro que habite qualquer região do país, mesmo que haja variações de pronúncia ou uso específico de determinadas expressões. Por esse motivo, também, todo brasileiro é capaz de compreender um português e vice-versa. Embora haja diferenças de sotaque entre um e outro, o sistema de língua acionado por ambos é o mesmo.

A fala, por sua vez, considerada a atualização da língua, corresponde à parcela concreta e individual da língua, acionada por um falante em cada uma das situações concretas de comunicação a que é exposto. Para Saussure, a característica essencial da fala é a liberdade de combinação. Essa característica de individualidade da fala, porém, deve ser mais bem explicada. Na verdade, a fala não é tão individual como afirmava Saussure, pois, embora se

possa admitir que cada pessoa tenha um tom de voz diferente, uma maneira própria de articular as palavras, pode-se perceber que essas características não são totalmente individuais, pois dependem do grupo a que o indivíduo pertence, à região em que ele vive. Além disso, o homem também não é tão livre no seu dizer, pois o que ele produz linguisticamente pertence muito mais à ordem do repetível que à ordem do inédito. Basta observar, por exemplo, um grupo de jovens de uma determinada faixa de idade para perceber que eles se comunicam por meio da repetição de determinadas expressões fixas, as chamadas gírias. Guardadas as devidas proporções, todos nós reproduzimos modos de falar próprios do grupo social a que pertencemos e aos quais estamos constantemente em exposição.

A contribuição, porém, que essa dicotomia saussuriana apresenta, consiste na distinção entre esses dois aspectos da linguagem humana: a língua, enquanto sistema de regras; a fala, enquanto forma de realização da língua, enquanto uso. A partir dessas considerações, Saussure vai dizer que o objeto de estudo da linguística deve ser a língua e não a fala. Além disso, ao definir a língua como um sistema de valores, ele introduz um dos pontos mais debatidos de sua proposta teórica: o de que cada elemento da língua se define em relação a outro elemento. Dessa forma, ele estabelece as oposições binárias constitutivas dos sistemas. Assim, o valor de um termo do sistema constrói-se a partir da seguinte afirmação: um elemento é (definição positiva) tudo aquilo que os demais elementos de seu sistema não são (definição negativa).

Para darmos um exemplo concreto dessa afirmação, vamos recorrer à distinção fonológica do português. Ao definirmos o fonema /p/, estamos automaticamente distinguindo-o dos demais fonemas do sistema fonológico da língua portuguesa. Assim, do ponto de vista articulatorio, /p/ é, por exemplo, diferente de /f/, porque um é oclusivo e o outro fricativo. Seguindo esse mesmo critério, poderíamos diferenciá-lo, portanto, de todos os demais fonemas. E ele será até diferente de /b/, embora os dois sejam oclusivos e bilabiais, pois o que nos assegura essa diferença é o fato de que um é surdo e o outro sonoro. Em verdade, então, para que um fonema exista na língua, é preciso que ele tenha um traço que o diferencie de todos os demais, porque dessa forma ele passa a ser operacional no sistema.

SIGNO, SIGNIFICADO E SIGNIFICANTE

Outra contribuição de Saussure para os estudos de linguagem é sua definição de **signo**. Para ele, o signo linguístico corresponde à união entre um **significado** e um **significante**. Inicialmente, Saussure designava o significado como “conceito” e o significante como “imagem acústica”.

Como dissemos anteriormente, quando nos referimos ao período da Idade Média, os estudos sobre a linguagem pretendiam descobrir os princípios por meio dos quais a palavra, como um signo, estava relacionada tanto à inteligência humana, quanto à coisa que ela repre-

sentava ou significava. Ao referir-se ao signo, porém, Saussure irá afirmar que “[...] o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, 1973, p. 80), observando ainda que os termos implicados no signo (o conceito e a imagem acústica) “[...] são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação” (SAUSSURE, 1973, p. 79-80). Para explicar o caráter psíquico da imagem acústica, o linguista genebrino mostra como se pode perceber isso por meio da observação de nossa própria linguagem: “[...] sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema” (SAUSSURE, 1973, p. 80). Isso significa que, ao dizermos “árvore”, para usar um exemplo que ele mesmo invoca em seu *Curso*, não estamos simplesmente produzindo um grupo sonoro que constitui uma palavra, mas relacionando uma imagem acústica ao conceito “árvore”.

Ao final de sua explicação sobre essa oposição entre a ideia de “conceito” e a de “imagem acústica” ligadas ao signo, Saussure redefine o *signo* da seguinte maneira: “[...] propomos conservar o termo *signo*, para designar o total, e substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte” (SAUSSURE, 1973, p. 81). A partir de sua definição sobre o *signo*, o autor irá apontar duas características primordiais.

A primeira dessas características é a **arbitrariedade**. Isso significa dizer que a relação de associação que se estabelece, no interior do signo, entre seu significante e seu significado é totalmente imotivada. O que vários estudos sobre a linguagem, anteriores a Saussure, muitas vezes afirmavam é que entre o significado e o significante deveria haver uma relação de motivação. Mas mesmo que se justifique isso por meio de um argumento ideológico-religioso, invocando, por exemplo, como Deus ou Adão deram nome a todas as coisas que existiam sobre a Terra, a afirmação é falsa. Se Adão tivesse resolvido chamar uma árvore de “árvore”, em nada a palavra se relacionaria ao conceito que estaria designando; ele poderia ter escolhido outra palavra qualquer, como, por exemplo, “caparita”². A comparação entre línguas diferentes é uma prova disso. O que justifica que, para manifestar um significado semelhante, o português se valha do som “árvore” e o inglês do som “tree” é o caráter arbitrário do signo. Mesmo que recorramos às onomatopeias para dizer que esses sim seriam signos motivados, deparamo-nos novamente com a falsidade de tal suposição, pois, para designar o som produzido pelo cachorro, encontramos *au au*, em português, *guau guau*, em espanhol, *ouaoua*, em francês, *wauwau*, em alemão, *worfwurf*, em inglês.

2. Observe-se que, em português, a palavra “caparita” não designa nada, pois não está associada a conceito algum. Mas, por outro lado, ela é uma palavra possível em nosso idioma, pois não fere as leis de produção de vocábulos portugueses. Portanto, ela não é uma palavra real, mas sim, uma palavra virtual.

Esse primeiro princípio básico na constituição do signo saussuriano coloca uma pedra sobre os estudos que buscam recriar uma motivação entre o significado e o significante dos signos de um código linguístico. Mesmo justificando que “árvore”, em português, é seme-

lhante à “arbre”, em francês, porque ambas as palavras originam-se do termo “arbor”, em latim, isso não afirma o caráter motivado das formas portuguesa e francesa. A partir do momento em que o português e o francês tornam-se línguas autônomas, a comparação entre “árvore”, “arbre” e “arbor” é a de três palavras de línguas distintas, mesmo que se mantenha a afirmação de que as duas primeiras apresentam variações da base da forma latina.

A segunda característica primordial do signo, para a qual nos chama a atenção Saussure, é o **caráter linear do significante**. Isso significa dizer que, por ser de natureza auditiva, o significante tem uma extensão no tempo, isto é, não se pronunciam, ao mesmo tempo, dois sons diferentes. Se observarmos uma sequência discursiva, uma frase, por exemplo, veremos que nela as palavras estão dispostas uma em seguida da outra, não havendo possibilidade de produção simultânea de palavras distintas.

A noção de linearidade do significante colocada por Saussure, por meio da qual observamos como os elementos do plano da expressão de uma língua se manifestam, é importante para a compreensão dos conceitos de sílaba e de distribuição. Para ele, uma sílaba e seu acento não constituem um acúmulo de elementos significativos diferentes; correspondem a apenas um ato de fonação em que não há dualidade interna alguma, apenas em relação às outras sílabas que estão próximas. Com relação à noção de distribuição, o linguista afirma que esta é uma decorrência da linearidade sintagmática do significante. Para discutir essa questão, trataremos agora da última oposição importante para os estudos linguísticos, segundo Saussure: as noções de **eixo sintagmático** e **eixo paradigmático** da linguagem.

SINTAGMA E PARADIGMA

A linguagem, segundo o linguista genebrino, organiza-se a partir de dois movimentos distintos. Quando se observam os elementos linguísticos dispostos em uma sequência, como em uma frase, diz-se que cada um dos elementos entre si mantém uma relação sintagmática, que pode ser sentida, inclusive, por marcas às vezes bem visíveis, como a concordância entre os termos. Quando um adjetivo, ao se relacionar com o substantivo, mostra características de variação (ou flexão) perfeitamente observáveis pelo leitor ou ouvinte, é possível compreender mais fortemente esse princípio. Assim, comparar “o bom garoto” com “os bons garotos” permite verificar, pelo mecanismo da concordância, as exatas relações entre os termos que compõem esse sintagma.

O sintagma – conjunto de elementos dispostos lado a lado que conservam relações muito estreitas entre si – é constituído de signos linguísticos dispostos sobre o eixo da horizontalidade. Conforme já se afirmou, na fala, os termos devem vir uns atrás dos outros em uma sequência linear (não se fala duas palavras ao mesmo tempo). A propriedade básica do sintagma é a de se constituir por meio da combinação de unidades contrastivas, isto é, que se opõem, no plano do significante, segundo se pode observar na sequência “o bom garoto”, composta de termos distintos entre si, mas com evidências de combinação.

Por outro lado, quando se observa a relação dos elementos linguísticos com outros que poderiam ocupar as mesmas posições que eles ocupam na sequência em que se manifestam, diz-se que cada um dos elementos mantém entre si uma relação paradigmática. Em lugar de “o bom garoto”, poderíamos falar ou escrever “o bom estudante” ou “o bom velhinho”, em que “garoto”, “estudante” e “velhinho” ocupam a mesma posição, na medida em que são escolhidos para figurar na frase.

Ao estabelecer a distinção, portanto, entre a relação sintagmática e a paradigmática, Saussure irá dizer que a relação sintagmática existe *in praesentia*; isto é, repousa em dois ou mais termos igualmente presentes em uma série efetiva; a relação paradigmática, ao contrário, une termos *in absentia*, quer dizer, em uma série mnemônica virtual.

Para ilustrar de maneira mais concreta essa distinção entre os dois eixos da linguagem, eis um exemplo:

		SINTAGMA				
PARADIGMA	O	garoto	Chutou	A	bola	
	A	caneta	Cortou	O	medo	
	Os	ciúme	Derrotou	Um	homem	
	Um	tesouro	Riscou	Meu	retrato	
	Esse	sapato	Limpou	As	janela	
	Todos	alegria	Encontrou	aquele	perigo	
	
	

Se observarmos a frase “O garoto chutou a bola”, perceberemos que todas as palavras que aparecem em certas posições na frase estabelecem entre si determinadas relações e, em função disso, cada uma terá um valor. O valor de cada uma delas é determinado por aquilo que as distingue. Existe, portanto, uma dependência entre cada um dos termos presentes na frase e ela é observada segundo o eixo da horizontalidade.

Ao tomarmos, por outro lado, o eixo da verticalidade, veremos que todas as palavras elencadas em cada uma das colunas representam possibilidades de escolha que, para a realização da frase “O garoto chutou a bola”, não foram realizadas. Na segunda coluna, por exemplo, entre “garoto”, “caneta”, “ciúme”, “tesouro”, “sapato” e “alegria” existe uma possibilidade de substituição de um termo pelo outro, dependendo das escolhas que um determinado falante realiza. Enquanto o termo “garoto” é o realizado porque foi o escolhido,

“caneta”, “ciúme”, “tesouro”, “sapato” e “alegria” são virtuais, pois, embora não tenham sido selecionados, poderiam ocupar o lugar de “garoto” se outra fosse a intenção do locutor ao produzir o enunciado. A mesma coisa se pode dizer de todas as colunas estabelecidas para cada uma das palavras que constroem a frase destacada.

Outros poderiam ser os exemplos aqui levantados para mostrar a distinção entre os eixos implicados no processo de produção da linguagem. A importância desses conceitos reside no fato de que, ao concretizá-los, Saussure chama a atenção para a noção de valor, que é a base da produção do signo.

BIBLIOGRAFIA



DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. Tradução de Frederico Pessoa de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 1993.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Nacional, 1979.

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1977.

LOPES, E. **A identidade e a diferença**. Raízes históricas das teorias estruturais da narrativa. São Paulo: EDUSP, 1997.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.